

9 de Abril  
de 2006  
N.º 312 ano 118

www.jn.pt

# Jornal de Notícias

**Domingo**

€1,20

Director: JOSE LEITE PEREIRA  
Editor: ALFREDO LEITE, DAVID PONTES

Edição Minho  
FECHADA ÀS 23:45H

**NoticiasMagazine**

Bombeiros, os heróis esquecidos

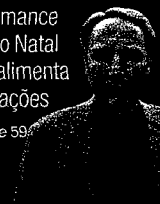


**Páscoa em Braga**

Majestosas procissões marcam Semana Santa  
página 27

**Dan Brown**

Novo romance só sai no Natal mas já alimenta conspirações  
págs. 58 e 59

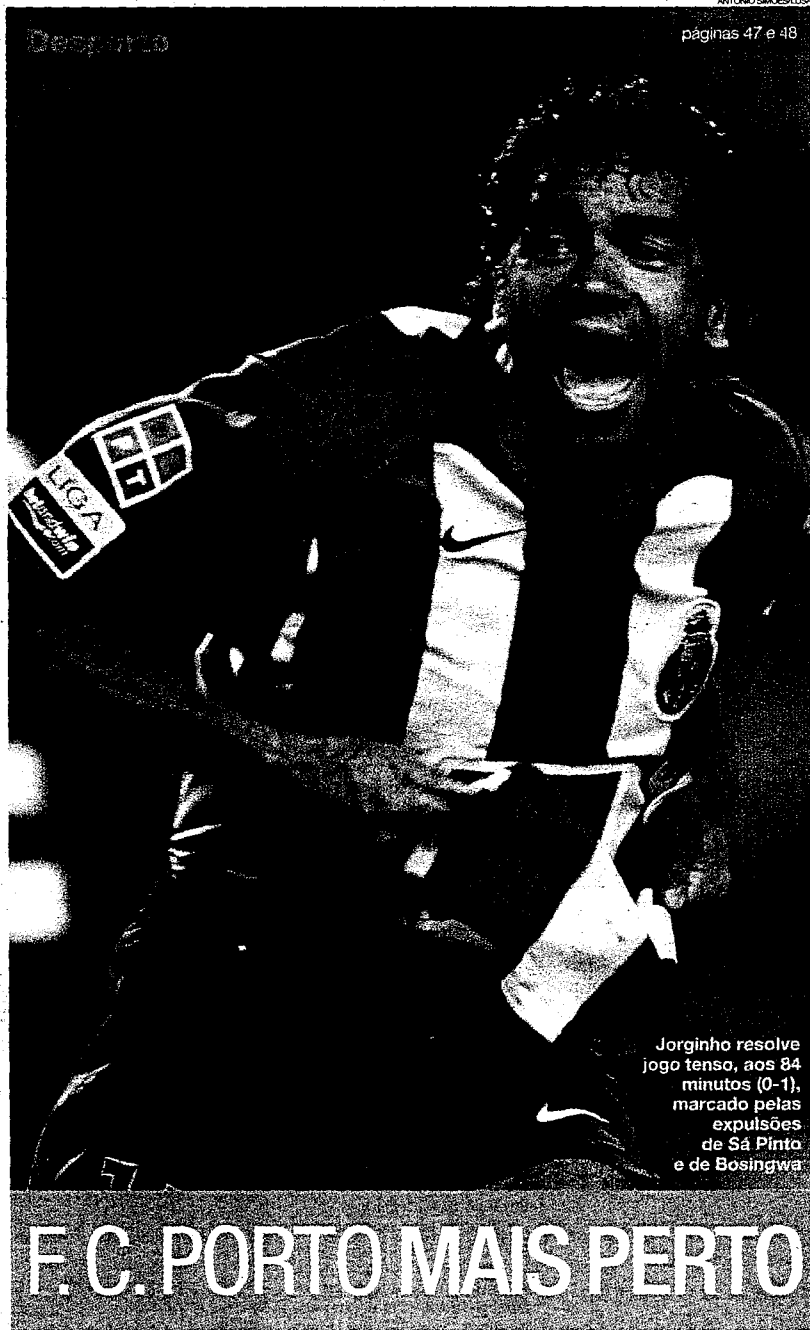


ENSINO

página 9

## Livreiros denunciam atrasos na impressão de manuais escolares

► Editores acusam Governo de congelamento dos preços e avisam que alunos podem ficar sem livros ► Ministério diz que é tudo "espalhafato"



Desporto

ANTÓNIO SIMÕES/LUSA  
páginas 47 e 48

Jorginho resolve jogo tenso, aos 84 minutos (0-1), marcado pelas expulsões de Sá Pinto e de Bosingwa

### F. C. PORTO MAIS PERTO

Este Mundial é para ganhar!

Faça como eu começo!

**RADIO POPULAR**

TEMA DE DOMINGO págs. 2 a 5  
EMANUEL CARREIRO E PEDRO CORREIA NO PAÍS BASCO

## Histórias de vidas marcadas pelo terrorismo da ETA



Albino Machado (na foto) é português e sobreviveu a atentado. País Basco negocia regresso à paz

TENSÃO página 24

## EUA admitem ataque nuclear contra o Irão

Revista "New Yorker" afirma que Bush compara Ahmadinejad a Hitler

Collecção Santos de Todos os Dias

Conheça os cerca de 400 santos existentes

A partir do dia 19, às quartas, com o JN

Valor Duplo

Deposito a Prazo

Fundo de Investimento

SÓ AQUI GANHA DUAS VEZES

7% taxa garantida

+ 100% de valorização obtida

Millennium bcp

A vida inspira-nos

www.millenniumbcp.pt

707 50 24 24

# TemadeDomingo

REPORTAGEM

# Memórias violentas da violência da ETA

**PILAR ELIAS 63 ANOS**  
**> Avó lutadora**

## O assassino do marido tem loja por baixo da casa dela

►► Pilar Elias vive em Azkoita, Guipúzcoa. Cândido Aspiazo tem, há dois anos, uma loja por baixo da casa dela. Cândido matou Ramon Barlitto, marido de Pilar, em 12 de Maio de 1980. Na década de 60, Ramon tinha salvo Cândido de ser atropelado.

Não é a quinta dimensão nem um argumento do realizador espanhol surrealista Luis Buñuel. É o País Basco.

É, também, "uma provocação", como clama Pilar Elias, de 63 anos, viúva de um decorador de interiores assassinado aos 42 "por ser simpático da União Democrática, amigo pessoal do então ministro Marcelino Oreja e, sobretudo, por assumir-se espanhol basco".

"Foi uma emboscada, quando regressava a casa", relata, ao JN. "Os comandos da ETA dispararam, ele perdeu o controlo do carro e chocou com uma árvore. Abriam a porta e mataram-no".

Primeira perversão: "O tiro de misericórdia foi dado por um rapaz de 18 anos que Ramon salvou de morrer atropelado aos 16 meses".

"Quer que lhe conte como foi?". Queremos.

### "É uma provocação"

"No início dos anos 60, um grupo de pessoas de Azkoita, entre as quais eu e o meu marido, foi a Madrid. Ia também uma senhora com os dois filhos. Durante a permanência lá, um dos miúdos deixou a bola com que brincava ir para a rua e foi atrás dela. A mãe foi-lhe no encalço, deixando a outra criança só. Esta também correu para a estrada, mas o Ramon agarrou-a. A mulher e o outro menino morreram atropelados. Sobreviveu o Cândido".

Dois dias após o atentado, os etarras foram detidos e, em 1981, condenados a 52 anos de prisão. Ao fim de dez, saíram e "voltaram todos para Azkoita".

Perversão dois: "Em 2004, o Cândido Aspiazo comprou uma cristalaria. Sabe onde? Mesmo por baixo da minha casa".

Eleva um pouco a voz. "Tenho de

sair e entrar todos os dias do prédio em que vivo. Sabe o que isso significa?". E reafirma: "É uma provocação".

O recurso às autoridades saldou-se em pouco mais do que nada. Em Vitória, capital do País Basco, o Alto-Comissariado respondeu-lhe que "não havia medidas específicas que pudessem ser levadas a cabo".

Por seu lado, a Audiência Nacional "embargou o negócio, mas ele continua com a cristalaria aberta e vejo-o diariamente". Desta vez, Pilar não pergunta se sei o que significa. De qualquer forma, não haveria resposta.

"Estou resignada, mas ferve-me o sangue. Isto só poderia acontecer no País Basco".

Presentemente, tem como missão principal cuidar dos netos, contudo, não renuncia à luta. No caso, política, como conselheira do Partido Popular de Azkoita. A tarefa vale-lhe uma escolta permanente há dez anos. Aliás, o JN só conseguiu chegar à fala com Pilar Elias após dezenas de telefonemas, distribuídos por assessores partidários e por associações de vítimas.

Relativamente ao cessar-fogo permanente declarado pela estrutura independentista, deixa o sangue escalear de novo: "As condições têm de ser bem estabelecidas. Sem isso, é chantagem".

"Querem a libertação dos presos e amnistias? Saiu-lhes grátis matar? E as vítimas? Lutaremos!" ◀

Com 18 anos, em Maio de 1980, Cândido Aspiazo matou Ramon Barlitto, que o salvou de morrer atropelado, em Madrid, tinha o etarra 16 meses

**ALBINO MACHADO 46 ANOS**  
**> Português optimista**

## Atentado por engano custou 101 dias r

►► "Mas o carro estava todo desfeito e eu não podia mover-me. Eram 9.20 horas da manhã". Ao contrário do que pensou quando ouviu o estrondo, Albino Machado não tinha batido numa das outras viaturas estacionadas ao lado da sua, em San Sebastian. No dia 23 de Julho de 1996, a organização separatista basca ETA reformou um homem português, de 36 anos, nascido em Sobrebre de Baixo, a dois quilómetros de Vinhais.

Tinham-lhe colocado uma bomba-lapa por baixo do Volkswagen Golf. "Pus o carro a trabalhar e ele explodiu". O comando da ETA que executou o atentado viria a revelar que foi "um engano"; a Polícia confirmou a tese.

Um equívoco. Que lhe valeu 101 dias no hospital - "A minha mulher não me faltou num único" - seis operações após de lá sair, além da que tem marcada para o próximo Verão: os calcanhares desfeitos e quatro sítios da perna esquerda destruídos. Previsivelmente, coxela bastante. E as dores. "Permaneçam, não se vão embora".

### Cozinha da Polícia

Nem ele de San Sebastian, onde vive desde 1973. Na cidade basca, casou - com Begonia, que lhe ofereceu dois filhos, actualmente, com 20 e 12 anos - e tornou-se chefe de cozinha de uma empresa de "catering".

A função está na génese de uma vivência quotidiana que, há cerca de uma década, Albino não permitia nem sequer aos seus pesadelos mais densos imaginar. "Em 1992, a empresa ficou responsável pela cozinha da Polícia Nacional em San Sebastian. Trabalhava nas instalações deles, nunca tive problemas nem me meti em políticas. Estive lá seis meses. O ambiente era tenso, porque lidava-se com pessoas sob constante pressão, designadamente poli-



Albino Machado no local do ataque



NO PAÍS BASCO

as

Por mais permanente que seja o cessar-fogo declarado, no passado dia 22, pela estrutura separatista basca, essa perenidade jamais ultrapassará a da inamovível dor de quem sofreu as consequências do

radicalismo etarra. São algumas dessas pessoas que o JN retrata. O País Basco prepara-se para um processo para o qual um só desejo final: a paz. Nas páginas seguintes, a face política e social da demanda.

CATALINA ROMERO 43 ANOS  
> **Activista prudente**

### “Uma rapariga agarrou-me mas eu abracei-me a ele”

▶▶ Catalina Romero viu a bala incrustada na parede de casa dias a fio. Outras duas, igualmente disparadas a 15 de Dezembro de 1994, em Lasarte-Oria, mataram-lhe o marido, Alfonso Morcillo Calero, suboficial da Polícia de San Sebastian. Tinha 40 anos.

“Saiu de casa e não chegou a andar dois metros. Três operacionais da ETA alvejaram-no. Morreu com dois tiros na cabeça. Um dos comandos foi o que viria a matar Miguel Ángel Blanco”, veedor do Partido Popular.

A antiga professora – não ensinava no País Basco porque não domina a língua local, euskera – e activista do Colectivo de Víctimas del Terrorismo en el País Vasco (COVITE), de 43 anos, conhece os motivos para a viuvez. “Alfonso estava a investigar a existência de infiltrados na Câmara e na Polícia. Alguém de dentro passou essa informação à ETA”...

Parecerá perverso, mas Catalina foi uma das últimas pessoas a aperceber-se do assassinato: “Eram oito da manhã, o porteiro avisou-me de que o meu marido estava caído no chão. Pensei que ele tinha dado uma queda, ainda respirava. Achei estranho que, de repente, surgissem polícias por todo o lado. Uma rapariga agarrou-me, eu abracei-me a ele”...

Decidiu ficar no País Basco. “Pela memória dele”. Partilhou o “medo” com outras vítimas, até que, nas tréguas que os separatistas subscreveram em 1998, decidiram criar o COVITE.

Todavia, o primeiro ano após a morte de Alfonso assemelha-se a um filme desfocado. “Parece que não me recordava de nada. Ficava em casa... Estava, somente, ali. Não tinha ninguém, a minha família é do Sul”. O renascimento – “Procurei trabalho, tentei arranjar amigos” – fez-se à custa de

CRISTIAN MATÍAS 25 ANOS  
> **Céptico revoltado**

### Apenas o avô é que poderia perdoar mas ele está morto

▶▶ Não conheceu o avô materno. “Desde pequeno, sempre vi a ETA a matar. Tenho muita raiva deles. Assassinam há 30 anos e não mostram arrependimento”. Cristian Matías nasceu cinco anos depois de a organização separatista basca ter liquidado o taxista Manuel Albizu Idiaquez.

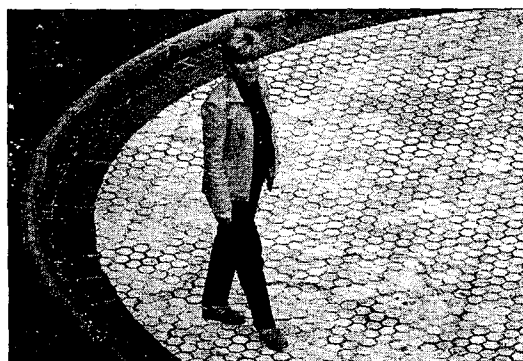
“O meu avô fazia muitos serviços para a Guardia Civil de Zumaiá”, pequena localidade a 36 quilómetros de San Sebastian.

Desta teia de relações à desconfiança de que Manuel passava informações sobre a ETA à Polícia foi um passo tão curto como o primeiro de uma criança. Cristian impõe o desassombro: “Se ele sabia alguma coisa, era lógico

que dissesse. Quanto mais não fosse, para evitar atentados”.

O taxista não era idoso quando, a 13 de Março de 1976, lhe foi solicitado um serviço. Tinha 46 anos por pouco tempo mais. A corrida, pedida por um etarra, terminaria em Guetaria. A vida de Manuel também. “Naquela noite, numa zona afastada, a tiro...”

A mãe, que trabalhava em San Sebastian, teve de deixar o emprego, “porque havia quem a olhasse de lado”. Porém, continuaram a viver em Zumaiá, ainda que a família tivesse sido empurrada para o “ostracismo”. “Sobre o que se passou, um silêncio absoluto. A iniciativa de falar de novo connosco teve de partir do



Vívia criou o Colectivo de Víctimas del Terrorismo en el País Vasco

consecutivas pichagens da sua casa, “por gente ligada à ETA, como se eu estivesse marcada. Mal pude, mudei de residência”.

“Nunca lhes perdoarei. Mesmo que me pedissem perdão, sei que não era sentido”. A impressão terá sido reforçada pelo gesto de um dos etarras que assassinaram o marido – presentemente, todos presos –, quando os confrontou

em tribunal. Um dedo indicador a percorrer a garganta...

Sobre o cessar-fogo permanentemente anunciado em Março, ela “quer acreditar nele, mas é um optimismo com prudência”.

Dizem-lhe que “não crêem que seja definitivo”, revela. Mas, a confirmar-se o carácter perene da paz, Catalina realça que “foram as vítimas que derrotaram a ETA”. <



Cristian Matías salienta que a ETA não disse que ia deixar as armas

povo”. Sorri. Sem cor. Cristian Matías é encarregado de armazém. É céptico. “Eles não dizem que vão deixar as armas.” Acrescenta: “O Herri Batasuna, braço político da ETA, quer entrar nas

eleições municipais de 2007. Não fazem nada grátis. E há muito quem os apoie no País Basco”.

Acerca do perdão. “O meu avô está morto. E ele é que poderia perdoar, não é?” <

## hospital

ticas. Era uma obrigação. Mal pude, sai dali”.

Foi trabalhar para Irún, não muito longe de San Sebastian, na cozinha de um hospital, ao serviço da mesma firma.

“Estranhamente”, meses antes do atentado, chamaram-no à Polícia Nacional: “Disseram-me que um comando da ETA detido por eles tinha referido a matrícula do meu carro. Inclusive, os agentes também contactaram a minha mulher. Aliás, não gostei nada que o tivéssemos feito”.

### Sem perdão

Prossegue: “Garantiram-me que não havia problema, que existiam muitos veículos referenciados. Por isso, não me providenciaram qualquer tipo de protecção. Porque, segundo eles, não se passava nada, nenhum perigo”.

“Para a ETA, foi muito fácil fazer-me isto. Eu era um homem de hábitos”. Amargura e resignação amparam as palavras.

Albino Machado “não” perdoa. “Ninguém tem direito a matar”. Todavia, nunca ponderou deixar a paisagem cantábrica de San Sebastian: “Só mudei duas vezes de casa e não abdico de proporcionar uma vida normal à minha mulher e aos meus filhos”.

“Vejo a vida de outra forma. Ainda assim, mantenho-me uma pessoa positiva, feito que me ajudou a recuperar”, salienta Albino, um dos nove filhos de um casal transmontano que procurou em Espanha um futuro de horizontes mais amplos.

Endurece o semblante e o coração: “Neste género de situações, os vencidos são sempre os feridos e os mortos”.

Porém – e o “porém” de Albino é gigantesco –, “quando um terrorista mostra a bandeira branca, já está derrotado”. <



